

# VIVA FECIT – a lápide funerária de Fábia de Ossonoba

Recebido: 2 de Setembro de 2024 / Aprovado: 18 de Setembro de 2024

[https://doi.org/10.14195/2182-844X\\_10\\_6](https://doi.org/10.14195/2182-844X_10_6)

**João Pedro Bernardes<sup>1</sup>**

Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património –  
Universidade do Algarve

**Manuela Alves Dias<sup>2</sup>**

Centro de História e da Cultura da Universidade de Lisboa

## RESUMO

Em 1984, numa escavação de emergência na rua das Alcaçarias em Faro, foram identificadas oito sepulturas da grande necrópole romana Norte da cidade de *Ossonoba*. Entre o abundante espólio recolhido, estava uma lápide funerária cuja leitura da inscrição não foi possível realizar-se plenamente, dado o seu grau de desgaste. Apresenta-se agora, neste texto, a leitura completa dessa inscrição, possibilitada pela aplicação do Modelo de Resíduo Morfológico desenvolvido por Hugo Pires. Trata-se de uma curiosa e singela lápide funerária de uma ossonobense que a fez ainda em vida.

## PALAVRAS-CHAVE

Lusitânia Romana; necrópole urbana; epigrafia funerária; Século III; Modelo de Resíduo Morfológico

## ABSTRACT

In 1984, during an emergency excavation in Rua das Alcaçarias in Faro, eight graves were identified from the large Roman necropolis to the north of the city of *Ossonoba*. Among the abundant artifacts collected was a funerary tombstone whose inscription could not be fully read due to its degree of wear. This text presents the complete reading of this inscription made possible by the application of the Morphological Residue Model developed by Hugo Pires. It is a curious and simple funerary tombstone belonging to an Ossonoban woman who made it while she was still alive.

## KEYWORDS

Roman Lusitania; urban necropolis; funerary epigraphy; 3rd century; Morphological Residue Model

---

1 ORCID iD: 0000-0002-1086-2128 ; [jberrnar@ualg.pt](mailto:jberrnar@ualg.pt)

2 ORCID iD: 0000-0002-5706-5521; [manuelalvesdias@gmail.com](mailto:manuelalvesdias@gmail.com)

## I. Introdução

**E**m 1984, quando se procedia a um desaterro para a construção de um edifício na rua das Alcaçarias, no centro da cidade de Faro, surgiram um conjunto de sepulturas que foram em grande parte destruídas pela máquina que ali operava. Ainda assim, tendo sido Teresa Júdice Gamito, arqueóloga da Universidade do Algarve, alertada para os achados, rapidamente iniciou uma escavação de emergência que lhe permitiu registar os enterramentos e recolher um espólio muito variado, bem como uma lápide funerária, que publicou (Gamito, 1992).

Este conjunto de sepulturas integrava-se na correntemente chamada necrópole norte de *Ossonoba* conhecida desde o século XIX, altura em que Estácio da Veiga escavou uma trintena de sepulturas no largo das Mouras Velhas e, sobretudo, no largo em frente ao edifício do teatro Lethes, antigo convento jesuíta. Em meados do século XX, também em contexto de obras, apareceram outras sepulturas na rua João Ramos, escavadas por Abel Viana (1951), para além da menção esporádica a outros enterramentos na área que da Pontinha ia até ao Lethes (Bernardes, 2005; Pereira 2018: 308-330). Mais recentemente

outros enterramentos têm aparecido e sido escavados, nomeadamente na rua de Portugal (Serra *et al.*, 2006, p. 212), rua João Lúcio (Bernardes *et al.* 2014) no Largo das Mouras Velhas (Silva *et al.* 2020), e no Largo 25 de Abril, onde em 2005 foram escavadas 91 sepulturas datáveis entre os séculos I e VI (Teichner *et al.* 2007; Pereira 2018: 323-330). Neste último Largo, apareceram recentemente (2024), onde antes existia o edifício da RTP, mais sepulturas, bem como a constatação da continuidade da ocupação deste espaço funerário na época islâmica (Henriques *et al.* 2024). Todos estes achados, que totalizam mais de centena e meia de sepulturas, faziam parte da mesma área sepulcral, situada na saída norte de uma das principais artérias da cidade romana de *Ossonoba* que ligava à cidade vizinha de *Balsa*.

No âmbito da cidade romana de Faro conhecem-se mais duas áreas de enterramento, uma situada na saída Oeste junto à ermida de S. Sebastião e escola Afonso III, e outra junto à polícia de segurança pública, que terá sido quase totalmente destruída no século XIX, provavelmente quando se construiu o parque da Alameda (Bernardes 2005; Bernardes *et al.*, 2014; Pereira, 2018, pp. 307 e 330). A necrópole da Horta de S. Cristóvão, junto ao complexo desportivo municipal, e posta a descoberto em 2012 no âmbito das obras da variante de Faro da

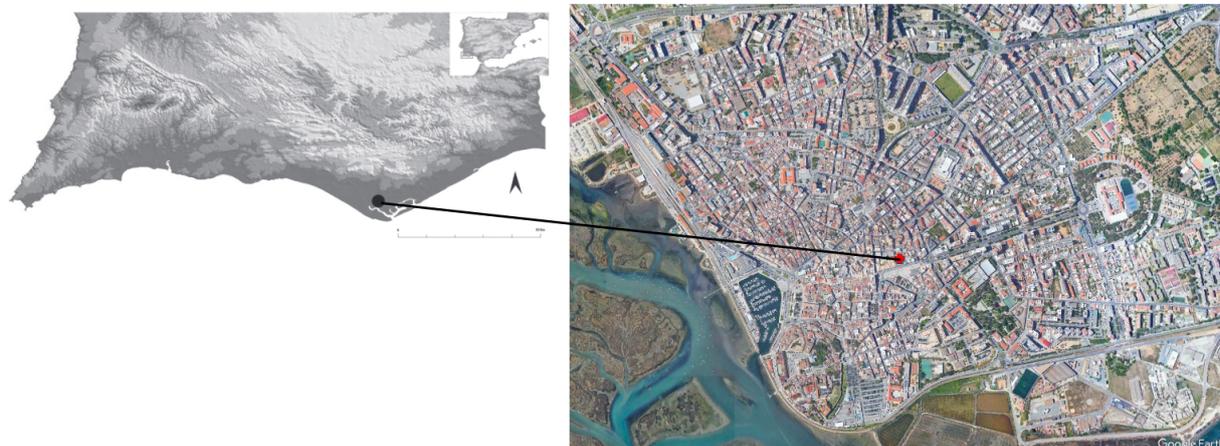


Figura 1. Localização da necrópole de Alcaçarias.

Estrada Nacional 125, estaria relacionada com a *villa* do Amendoal, já fora da área urbana (Pereira, 2018, pp.330-359; Pereira e Coelho, 2021).

## II. A necrópole da rua das Alçaçarias

A necrópole romana da rua das Alçaçarias de Faro, escavada em 1984 numa intervenção de emergência liderada por Teresa Júdice Gamito, é parte integrante da grande necrópole da cidade que ia do largo da Pontinha até pelo menos o largo das Mouras Velhas. Situa-se a cerca de 300 metros para nordeste do Largo das Mouras Velhas onde foram escavados diversos enterramentos nos últimos anos (Bernardes *et al.* 2014; Silva *et al.* 2020) e que fariam parte deste grande espaço funerário ossonobense. O sítio localizava-se numa pequena rua, que deve o seu nome à atividade mercantil que ali teve lugar durante a ocupação islâmica da cidade, onde, na sequência de um desaterro para construção, foram identificadas por aquela docente da Universidade do Algarve oito sepulturas.

Quando se deu a intervenção já a maior parte das sepulturas tinham sido destruídas, sendo ainda assim possível escavar integralmente uma sepultura de inumação, a nº 6, que ofereceu um interessante e diversificado espólio do século III, e recolher artefactos de outras, entre as quais uma estela epigrafada da sepultura 1. À exceção destas



**Figura 2.** Escavação da rua das Alçaçarias em 1984, quando surgiu a necrópole (foto de T. Gamito).

duas sepulturas, que eram em caixa de tijolos e pedras, as restantes seriam construídas por *tegulae* e *imbrices* dispostas à maneira de telhado de duas águas a cobrirem os enterramentos em fossa (Gamito, 1992, pp. 102-104). Este é o tipo de sepultura mais comum conhecido no conjunto de sítios escavados pertencentes a esta necrópole Norte da cidade de *Ossonoba*.

A lápide da sepultura 1 é uma estela de calcário brando da região com frontão triangular e campo epigráfico delimitado por moldura (Fig. 4). Nos cantos superiores da moldura possui dois círculos muito desgastados, tal como a inscrição. A parte inferior foi deixada em tosco, uma vez que, correspondendo à parte enterrada, não se via. Encontra-se atualmente em exposição na sala “Caminhos Romanos do Algarve” do Museu Municipal de Faro, tendo o nº de inventário 1748.

Foi publicada aquando do artigo que dá conta da intervenção da rua das Alçaçarias, apresentando-se na altura uma leitura com muitas dúvidas. Escreveu-se então o seguinte:

“A sepultura nº. 1, à qual deveriam pertencer muitos dos tijolos e *tegulae* encontrados nas terras removidas e de que apenas resta seguramente a lápide epigrafada (Est. III), deveria apresentar uma secção semelhante à da própria pedra, isto é, um trapézio pentagonal irregular. A lápide, apesar de exibir uma moldura rectangular cuidadosamente traçada, apresenta apenas uma ténue inscrição, mal gravada, não tendo sido afectada pela tentativa de “leitura” a que os operários do Sr. Leal Cabrita procederam, tentando avivá-la com um prego, como inicialmente receámos. É possível uma leitura cautelosa facilitada pela incidência de luz, inclinada entre cerca de 35° e 45° sobre a sua superfície, sugerindo apresentar no topo a dedicação aos deuses *Manes*, que é perfeitamente clara, tal como nas inscrições da Quinta de Marim (Olhão), alguns números romanos, sugerindo a idade do/a defunto/a, e que seria talvez de 18 anos,

e finalmente apenas algumas iniciais e a fórmula fúnebre de a ter mandado fazer:

“D. M. S.  
 VVIIIIIII (?)  
 A. V. V. F. F.” (?)

Parece que o gravador teria tido também problemas com a representação dos algarismos referentes à idade do/a defunto/a, que, se a leitura for correcta, deveria ser XVIII.”

A inscrição viria a ser de novo publicada por José de Encarnação nos mesmos termos, dada a impossibilidade de se avançar na leitura devido às letras estarem quase apagadas, no catálogo da referida exposição do Museu Municipal de Faro (Encarnação, 2005, p. 77).

## A lápide de Fábia

A aplicação do “Modelo Residual Micro-morfológico” (MRM) na lápide, aplicado por

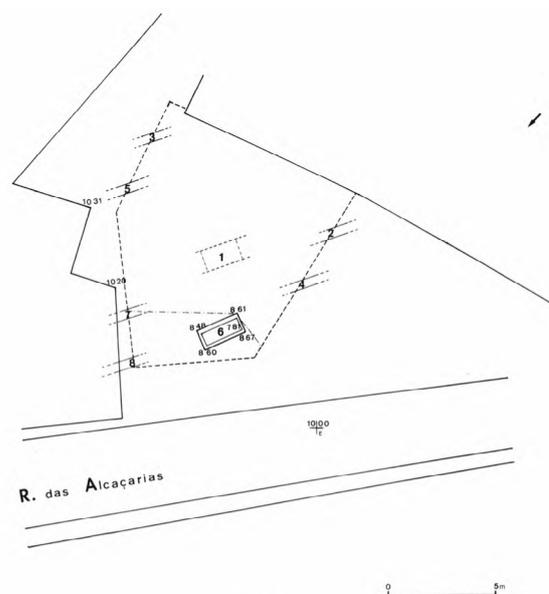


Figura 3. Planta da necrópole da rua das Alcaçarias de acordo com T. Gamito (1992).

Hugo Pires, a quem agradecemos, permitiu esclarecer a leitura desta inscrição funerária:

D M S  
 FABIE I = L?(*ucii*) FILIE  
 VIV[A] T(*itulum*) F(*ecit*)  
 Consagrado aos deuses manes de Fábia, filha de Lúcio (?). Fez a inscrição em vida.

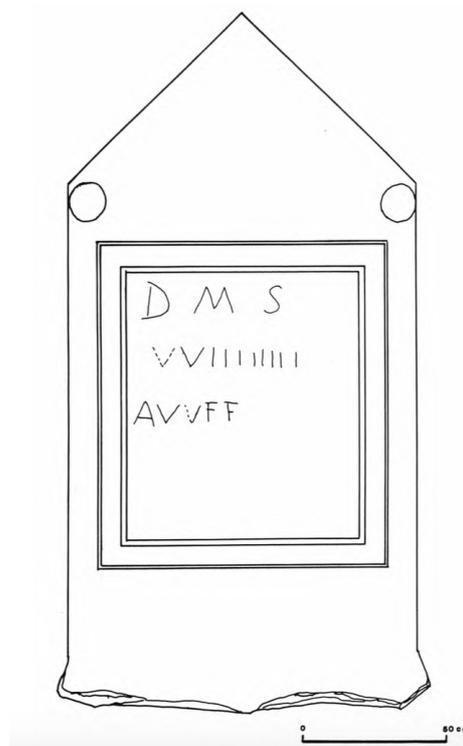
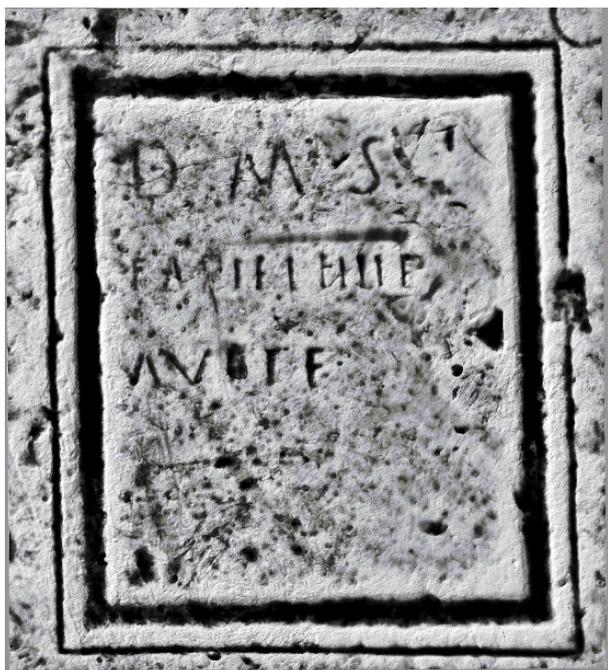


Figura 4. A lápide no museu de Faro e o desenho da inscrição da mesma (Est. III) publicado em Gamito, 1992.



**Figura 5.** A inscrição da mesma lápide através da aplicação do Modelo de Resíduo Morfológico.

Com 124 cm de altura máxima, 67 cm de largura (ao nível da base deixada em tosco que permaneceria enterrada, tendo 61 cm na maior parte do corpo) e 21 cm de espessura máxima, apresenta o tardo em tosco.

O campo epigráfico, bem delimitado por uma elegante moldura, possui 48 cm de altura por 40 de largura, por onde se distribui o texto levemente gravado e sem grandes preocupações de simetria. Espaços interlineares 1: 3,5 cm; 2 e 3: 5,5/6 cm; 4: 20,5 cm.

As letras gravadas sem cuidado, de forma leve e pouco especializada, não são homogêneas, sendo as da primeira linha maiores, com 5 cm a 5,5 cm de altura, e as das restantes duas linhas com 3,5 a 4 cm. A fraca qualidade do trabalho de gravação do texto contrasta, assim, com o cuidado colocado na elaboração da estela, nomeadamente no campo epigráfico e na moldura que o rodeia, o que levou Teresa Júdice Gamito a admitir que o suporte aparentava ter sido fabricado em oficina especializada de lapicida ao passo que a inscrição não (Gamito, 1992, p. 118).

Na leitura efetuada, considerou-se que a inscrição era composta por duas frases, uma regida pela forma verbal *S(acrum)*, linhas 1 e 2, e outra por *F(ecit)*, linha 3. O ditongo *ae* em *Fabiae* e *flliae* sofreu uma redução, por isso na transcrição optou-se por não restituir o ditongo porque a forma grafada denuncia particularidades linguísticas que convém registar e ter em conta.

A *gens Fabia* está presente entre a onomástica dos habitantes da cidade nomeadamente no nome de *M. Fabius Myrtilus* (IRCP 10), guardada no Museu de Faro, que refere, em duas colunas, os nomes de diversos indivíduos como *Ossonobenses* - *[Os]sonobensi*.<sup>3</sup> Como a inscrição está incompleta, desconhecemos a razão que motivou a sua feitura e a reunião deste conjunto de nomes de indivíduos, certamente influentes,

3 O texto publicado no IRCP 10 consta do seguinte texto:

Q(uintus) Iunius Avitianus /	L(ucius) Livius Martialis
L(ucius) Aemilius Themison /	L(ucius) Licinius Calvus
L(ucius) Publicius Urbanus /	L(ucius) Annius Lapillianus
L(ucius) Caecilius Plocamus /	L(ucius) Caecilius Liberali
L(ucius) Licinius Fructus /	L(ucius) Herennius Cosconius
L(ucius) Caecilius Nymphodotus /	L(ucius) Aelius Superstes
Marius Maximus /	Cn(aeus) Acilius Rufus
M(arcus) <b>Fabius</b> Myrtilus /	Q(uintus) Iunius Chrysanthus
L(ucius) Caecilius Symphorus /	M(arcus) Caecilius Urbanus
M(arcus) Iulius Avitianus /	L(ucius) Licinius Opilio
[...] Geminus Callistus	
[.....] [...]nius / [...]ntus	
[.....] [Os]sonobensium [	

de *Ossonoba*. Seriam afiliados de uma associação? Não sabemos! O que de momento nos interessa é que entre eles figurava um indivíduo com o mesmo *nomen* da Fábia da lápide em estudo. Sendo esta inscrição, tal como a que apresenta o rol dos Ossonobenses onde figura *M. Fabius Myrtilus*, aparentemente da mesma época, finais do século II ou da primeira metade do século III, é possível que houvesse qualquer tipo de relação familiar entre ambos.

A sequência *viva titulum fecit* é pouco comum no sudoeste peninsular. Aqui convém notar que a correção formal e circunstancial é plenamente refletida na inscrição. De facto, a idade de Fábia quando da sua morte não é mencionada, isto porque, a ser completamente verdade o que a fórmula diz, ela ao mandar fazer o epitáfio em vida, ignorava evidentemente com que idade iria morrer. Pela mesma razão também a costumada fórmula final H.S.E e similares não estão presentes.

Nem sempre há sintonia entre o que se expressa na fórmula e o conteúdo do restante texto. José Leite de Vasconcelos, a propósito de uma inscrição de Lisboa, com fórmula idêntica, em versão abreviada (*T vel I. V. P.*) chama a atenção para a inadequação entre a fórmula e as circunstâncias expressas na inscrição.



Figura 6. Inscrição de *Olisipo* (Largo de S. Domingos), descoberta em 1898 (conserva-se no Museu da Cidade).

D M S  
 Lucretia Patri-  
 cia ann(or)um XXXVIII  
 t(itulum) v(iva) p(osuit)

Leite de Vasconcelos baseia a possibilidade da reconstituição *t(itulum)* 1.4, no traçado incompleto do *t* de *Lucretia*, 1.2, a que falta o traço horizontal superior, e propõe as duas alternativas *i(ussit) v(iva) p(osuit)* ou *t(itulum) v(iva) p(osuit)*, admitindo, no entanto, que:

“Em qualquer dos casos, como uma inscrição em que se indica a idade da falecida não podia ser gravada em vida desta, - pois a inscrição da idade não foi acrescentada posteriormente, o que se conhece do gravado - deve admitir-se que com a expressão *v(iva)* se queria significar que Lucretia Patricia mandou em vida fazer, não a inscrição, mas o conjunto do monumento, a que depois da morte se agregou a placa calcarea com o letreiro funebre.”

Se consultarmos as bases de dados mais comuns (EDCS, EDR), verificamos que na maioria das vezes quem faz a sua inscrição em vida redige o epitáfio quando da morte de parentes, aproveitando para construir um epitáfio familiar, também associado à construção ou reconstrução do túmulo familiar. Claro que *titulum* não é *monumentum*, e tanto um como outro aparecem no vocabulário epigráfico das inscrições funerárias claramente individualizados, mas seria possível tomar um pelo outro como L. Vasconcelos sugeriu? Parece-nos que não e no caso de Lisboa devemos estar perante a cristalização de uma fórmula - que aqui é usada abreviada - e já não implicada num ‘contexto gramatical’ preciso.

A fórmula *vivus/viva* aplicada com correção, como acontece na inscrição de Faro, é pouco vulgar. Mas a própria fórmula e suas variantes são, do ponto de vista do uso do latim, um imbróglio gramatical como, de resto, já foi demonstrado por Nóra Zelenal (2018).

## Bibliografia

- BERNARDES, J. P. (2005) “As necrópoles de Ossonoba”, in D, Paulo (Coord.) *Caminhos do Algarve Romano*, Catálogo de exposição do Museu Municipal de Faro. Faro, pp.26-34.
- BERNARDES, J. P.; FERNÁNDEZ, L.; CAMPOS, J. M. y PEREIRA, C. (2014) “El mundo funerário del extremo suroccidental de Hispania através de dos ciudades: Ossonoba versus Onoba”, *Onoba*, 2, pp. 127-147.
- ENCARNAÇÃO, J. d’ (1984) *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis. Subsídios Para o Estudo da Romanização*. Coimbra (= IRCP).
- ENCARNAÇÃO, J. d’ (2005) “Catálogo”, in D, Paulo (Coord.) *Caminhos do Algarve Romano*, Catálogo de exposição do Museu Municipal de Faro. Faro, pp. 43-87.
- GAMITO, T. J. (1992) “Cemitério romano do século II/III – Faro, rua das Alcaçarias”, *Conimbriga*, 31, pp. 99-118.
- HENRIQUES, J., CASIMIRO, S., FILIPE, V. G., CARDOSO, F. A. (2024) “A Maqbara de Faro – Daddos Preliminaes”, Seminario Internacional *Del Šarq al Garb. Espacios funerarios, sociedad y urbanismo andalusíes (Maqbara II)*. Mértola (Comunicação oral em 17 de Maio de 2024).
- IRCP = ENCARNAÇÃO, J. d’ (1984) *Inscrições romanas do conventus pacensis: subsídios para o estudo da romanização*, 2 vols. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- PEREIRA, C. (2018) *As Necrópoles Romanas do Algarve. Acerca dos espaços da morte no extremo sul da Lusitânia* (Supl. 9 de *O Arqueólogo Português*). Lisboa: MNA/Casa da Moeda.
- PEREIRA, C. e COELHO C. (2021) “Memórias sepulcrais romanas do Algarve: dinâmicas de um espaço funerário suburbano”, in A. Ruiz Osuna (coord.) *Morir en Hispania: Novedades en topografía, arquitectura, rituales y prácticas mágicas*. *Spal Monografías Arqueología* 37. Sevilla: Universidad de Sevilla, pp. 237-257
- SERRA, M., PORFÍRIO, E., BARBOSA, R., VALINHO, A., e MARQUES, J. N. (2006) “Balanço das Intervenções da Palimpsesto no Algarve: 2002 – 2005”, *Xelb*, 6/II (Actas do 3º Encontro de Arqueologia do Algarve), pp. 207-212.
- SILVA, R., BOTELHO, P., SANTOS, F., NUNES, L. (2020) “No Largo das Mouras Velhas em Faro (2017): novas evidências da necrópole norte de Ossonoba e da sua ocupação medieval”, in J. Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins (Coord.), *Arqueologia em Portugal. 2020 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM, pp. 1413-1427.
- TEICHNER, F., SCHIERL, T., GONÇALVES, A., e TAVARES, P. (2007) “Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga e as Necrópoles Romanas de Ossonoba (Faro)”, *Xelb*, 7, (Actas do IV Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves), pp. 159-178.
- VASCONCELOS, J. L. (1990) “Analecta epigrafica lusitano-romana”, *O Archeologo Português*, 5, p.173.
- VIANA, A. (1951) “O cemitério luso-romano do Bairro Letes”, *Brotéria*, 53, pp. 145-165.
- ZELENAI, N. (2018) “The variants of the se vivo fecit expression in Latin language inscriptions”. *Graeco-Latina Brunensia*, 23 (1), pp. 227-244. (Online, <https://hdl.handle.net/11222.digilib/138107>. [cit. 2024-04-29].